

(190) (172) 7640

8

244

ENCONTRO NACIONAL

Doenças ameaçam vida dos povos indígenas

Um conflito de competência entre a Fundação Nacional do Índio (Funai) e a Fundação Nacional de Saúde (FNS), que vem se arrastando há anos, está impedindo a continuidade das ações de saúde para as populações indígenas, provocando um "quadro alarmante" de crescimento de doenças infecto-contagiosas, o aumento da desnutrição e até o aparecimento de doenças novas entre os índios, como o câncer no cólo do útero.

A constatação foi feita, ontem, em Brasília, pelos participantes do XIV Encontro Nacional de Saúde, promovido pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que reuniu missionários, indigenistas, profissionais de saúde e representantes de povos e organizações indígenas para analisar a situação de saúde dos índios no contexto da atual política do governo para o setor.

De acordo com os participantes, o povo Deni, no estado do Amazonas, com uma população de 500 pessoas, corre o risco de extinção em consequência do violento índice de mortalidade nos últimos quatro anos, causado por surtos repetidos de malária, sarampo e tuberculose. Um documento do encontro diz que "as seis aldeias dos Deni, no Rio Xerua, já sofreram um decréscimo populacional de 20%".

Os povos indígenas do Vale do Javari (Canamari, Kulina Pano, Marubo, Matsé, Matis, Korubo e outros povos isolados), também no Amazonas, segundo o Cimi, enfrentam um "aumento assustador" nos índices de malária, em decorrência da invasão de madeireiros. No final de 1994, ocorreram 37 mortes. Na região, 15% dos casos de hepatite, no ano passado, foram de hepatite B, o tipo mais grave.

Os participantes consideraram "a falta de vontade política do governo" como causa da mais grave crise no estado de saúde dos povos indígenas no Brasil. Entre os iano-

mamis, no Amazonas e Roraima, nos últimos anos, vem se mantendo o quadro crítico. Na região do Marari, um surto de malária, no início deste ano, provocou a morte de 14 pessoas. Os ianomamis, um povo bastante "primitivo" para os parâmetros da população branca, não têm como se defender. A oncorcose, doença que pode causar a cegueira, em algumas regiões da área ianomami, chega a atingir 90% da população.

Enquanto os povos indígenas da Amazônia sofrem com as doenças e a falta de assistência governamental para o setor, os do Sul, do Nordeste e alguns do Norte do Pará, passam fome. O índice de desnutrição, segundo os membros do Cimi, é um dos mais altos de todos os tempos.

A situação de extrema pobreza, causada pelo contato desfavorável com os brancos, tem levado às aldeias o alcoolismo, o diabetes, cálculos biliares, doenças sexualmente transmissíveis e o aumento significativo câncer do colo do útero nas mulheres. Duas índias Canela, no Maranhão e três Terena, no Mato Grosso do Sul, morreram nos últimos dois anos em decorrência do câncer no colo do útero. A mortalidade infantil continua alta, em várias áreas indígenas, provocada por doenças respiratórias, diarreia e verminoses.

O relatório do encontro lembra as recomendações da II Conferência Nacional de Saúde para os Povos Indígenas: um modelo de atenção que leve em conta as diferentes realidades dos povos e a participação dos índios em todos os níveis de decisão, com a responsabilidade de um órgão do Ministério da Saúde. Experiências da participação e iniciativa dos índios, com formação de Conselhos de Saúde, tem provado que a auto-gestão é válida, segundo o Cimi.